

## DIÁLOGOS NO SILÊNCIO

Perturbam-me. De miniauscultadores nos ouvidos, passeiam no paredão à beira-mar como poderiam estar fechados em cela de cortiça do Convento dos Capuchos – alheios ao mundo que os rodeia e atascados em sons artificiais que outros lhes impingiram. Tenho pena. Duvido que, um dia, pudessem ver o caule esguio da tomateira a suplicar, no vaso, que o transplantassem para se desenvolver. Transplantei-o e ora cresce a olhos vistos, na serenidade silenciosa do jardim.

E releio as declarações de Paula Rego:<sup>1</sup>

«Vou sempre no bus 46. Gosto muito, porque neste bus há sempre muitas nacionalidades diferentes. Tudo o que se possa imaginar está lá. Gosto disso».

Um dos livros sedutores da minha juventude foi *Silêncio, Gesto e Palavra*, de Héléne Lubienska de Lenval,<sup>2</sup> donde retirei ideias e esta frase:

«As múmias são mudas, mas não são silenciosas» (p. 16).

Habituei-me, pois, a essas aparentes insignificâncias para que *Belezas Ignoradas*<sup>3</sup> também me havia consciencializado. Da beleza das coisas à beleza das palavras foi um passo.

E o livro de Sílvia Costa alia estas duas belezas. Quem diria que a proposta de um exercício escolar iria fazer ressuscitar armário velho, pejado de recordações d'outrora, saudoso de barros antigos, colheres de pau, manjares de *coisas* saudáveis, cultivadas na horta vizinha ou nutridas na coelheira ao lado?

Sedutor, de modo especial, este olhar singelo, tu-cá-tu-lá, na saudade dos serões prenes de histórias, tronco velho a crepitar na lareira, da malga de açorda e um fio de azeite!...

Soltaram-se, por descuidada frincha, vetustas idades e tudo ganhou vida, pôs-se a mesa, cavaqueou-se, reinventou-se o Património!...

Pé ante pé, aproximamo-nos. Não adianta «querer adiar o silêncio, o vazio de estar só, demorar as vozes e os sons das memórias», não. Ganham inesperadas falas o cântaro, a pega redonda multicolorida, as tábuas do soalho (ai, Marianela!...), o «odor

---

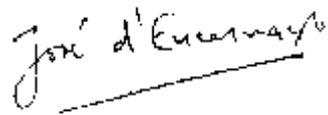
<sup>1</sup> P. 49 da revista ÚNICA / *Expresso*, edição de 22.08.2009.

<sup>2</sup> Li-o na edição da Aster, Lisboa, 1961, tradução de Jaime Cunha. Título original: *Le Silence a l'Ombre de la Parole*, Ed. Casterman – Maredsous, 1961.

<sup>3</sup> Do Dr. Thiamér Toth, Coimbra Editora, 1958.

entre o pó dos anos», o migalheiro «para guardar as migalhas dos dias» numa casa em que à noite é que se vive, e, antes de ir para a cama, importava pôr tudo no lugar certo – que as histórias são «como o açúcar, a água e os fósforos»... Por isso, ela as guardou no armário. Livro aberto para quem o souber ler, no silêncio dos dias e das noites...

E assim se saboreiam as palavras, sem detença; as memórias; o reviver de uma gente antiga e nova, a labutar nas eiras e espigueiros, outra noite, outro dia, outros anos... até ao derradeiro ponto final – que mais são reticências, a embalar gerações...

A handwritten signature in black ink, reading "José d'Encarnação". The signature is written in a cursive style and is underlined with a single horizontal line.

«Diálogos no silêncio», prefácio a «De dentro do armário», de COSTA (Sílvia Laureano),  
Apenas Livros, Lisboa, Novembro 2009, p. 3-4. [ISBN: 978-989-618-277-9].